

OS VOGAIS E A MESA DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA NOS ESTATUTOS DE 1886

Por PAULO FERRO

Já mais de um leitor de «A Voz da Abadia» se nos dirigiu a pedir que o informassem dos cargos e vogais da Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Abadia desde os tempos mais antigos. A resposta não é muito fácil na medida em que não conhecemos estatutos da Confraria no tempo dos monges de Bouro.

Os Estatutos da Confraria, que nasceu em 1886, estes são conhecidos e podem dar-nos informação para o esclarecimento dos nossos leitores. O seu capítulo II trata dos membros e vogais da mesa. E, assim, segundo o artigo 7, a Mesa compõe-se de juiz, presidente, cartorário, secretário, vedor, tesoureiro da casa, tesoureiro da devoção e quatro mordomos. Estes cargos são exercidos sem remuneração alguma.

O capítulo III trata das atribuições de cada um destes membros. O juiz tem como atribuições: cumprir e fazer cumprir os estatutos; procurar obter conhecimento exacto de tudo quanto pertence à Confraria; despachar qualquer requerimento que não dependa da deliberação da Mesa; assinar as guias de receita e as ordens de pagamento. Além destas atribuições tem todas as atribuições inerentes aos presidentes de corpos colectivos da mesma natureza.

O presidente, no impedimento do juiz, tem todas as atribuições que pertencem a este. Na realidade, parece-nos que o presidente é um vice-juiz.

O cartorário faz as vezes de secretário ou presidente sempre que estes se achem impedidos. O cargo de cartorário é exercido pelo secretário do ano findo.

O secretário tem a seu cargo fazer toda a escrituração da confraria, guardar os objectos e papéis pertencentes à secretaria. No impedimento do juiz, do presidente e do cartorário presidirá às mesas; fará, nessa altura, as vezes de secretário um dos mesários presentes.

Ao vedor compete tratar de todas as causas, administrar as obras e velar pelos negócios pertencentes à Confraria, dando parte à Mesa do seu estado e andamento para que ela providencie. Dará todas as informações sobre a segurança das hipotecas, conveniência ou desconveniência de mutuar a juro qualquer capital.

Há dois tesoueiros: o tesoureiro da casa e o tesoureiro da devoção. Ao da casa pertence receber e promover a cobrança de todos os rendimentos certos da Confraria, depositando-os em

(Continua na página 3)

GERÊS-VILA: até já há promessas a S. Bento...

Procurando corresponder ao compromisso assumido de mantermos, dentro do possível, os nossos leitores ao corrente das diligências efectuadas e outros factos relativos ao movimento que está a tentar obter o estatuto de vila para as Termas do Gerês, queremos informar que, efectivamente, o processo já deu entrada na Assembleia da República, havendo agora que

aguardar pela decisão final, a qual, em condições normais, costuma ser bastante morosa.

Por outro lado, continuam a verificar-se os apoios concedidos a esta iniciativa, não só pela imprensa, como por diversas entidades, o que demonstra que a mesma — e ao contrário do que afirmam certos Velhos do Restelo movidos pelo ciúme e cegueira de es-

pírito — é viável e tem pernas para andar.

Assim, mais uma vez o «Correio do Minho», de Braga, concedeu grande relevo à notícia da entrega da proposta na AR, destacando-a para a sua primeira página da edição do dia 5 de Janeiro, com o seguinte título: «Gerês-Vila: última palavra pertence aos deputados do Parlamento».

O Padre Ernesto de Magalhães, por seu turno,

apesar de distante fisicamente, tem continuado a manifestar o seu acendrado geresianismo e, em carta que nos dirigiu do seu «remanso» de Calvelo, em Ponte de Lima, por ocasião do Natal, dizia-nos:

«Gostei muito de ocupar a enormidade de uma noite com a leitura do texto da proposta do Gerês/Vila, concluindo que

(Continua na página 2)

No Verde Minho

GERÊS e BRAGA preferidos pelos turistas

A Região de Turismo do Verde Minho registou o ano passado um aumento de cerca de 12 por cento de turistas portugueses e estrangeiros, em relação a 1988.

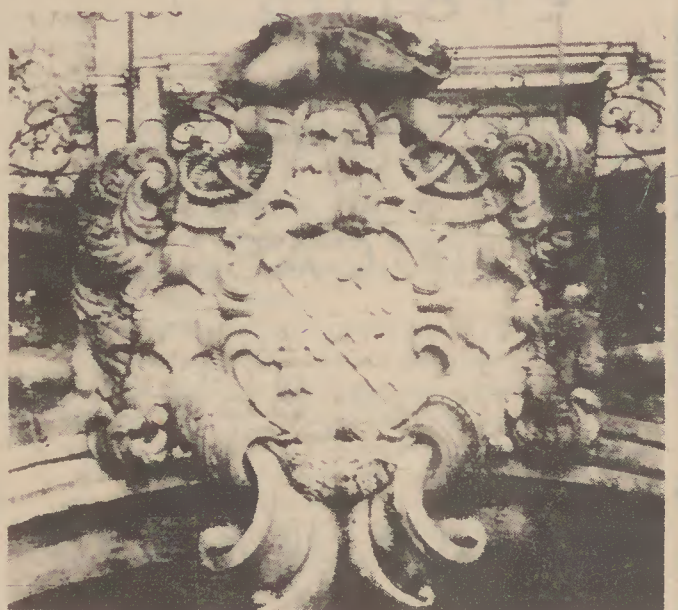
Este aumento deve-se, segundo o presidente da Região de Turismo, João Casanova, à grande divulgação na Costa Verde, onde o Verde Minho está integrado, e à apresentação do produto turístico como alternativa às praias.

Também a boa receptividade verificada nos mercados alemão, francês e suíço ajudaram a subida de turistas na região, que recebeu cerca de 15 mil visitantes durante o Verão. No entanto, os mercados que enviam mais turistas continuam a ser o espanhol, o inglês e o francês.

O Gerês e Braga são muito procurados pelos turistas dos Países Baixos e os holandeses estão agora a procurar aquelas zonas. Por isso, a Holanda, juntamente com a Bélgica e a Grã-Bretanha, será alvo de acções de promoções turísticas.

Com a abertura de novas vias rodoviárias, dentro de dois ou três anos, Braga poderá ser um grande centro turístico. Mas para isso, é necessário aumentar a gama de serviços, preservar o tipicismo e a gastronomia, melhorar as infra-estruturas e aumentar o número de camas naquela cidade, referiu João Casanova.

Para aquele responsável, o Verde Minho é já uma potência turística no Espaço Rural, resultando de acções de divulgação que têm sido feitas em vários concelhos. Diversas habitações estão a ser aproveitadas e existem já 35 projectos para recuperação de casas abandonadas.



ABADIA — Brasão dos Cistercienses na entrada do majestoso templo do Real Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Aumentou o salário mínimo nacional

Com o objectivo de «privilegiar as classes mais desfavorecidas, de modo a garantir a melhoria do nível de vida dos trabalhadores de mais baixos rendimentos», o Conselho de Ministros decidiu aumentar o salário mínimo nacional, com efeitos retroactivos ao dia 1 de Janeiro.

Assim, o salário mínimo da indústria, comércio e serviços passou a ser de 35 contos; o da agricultura, 34.500 escudos; e o dos serviços domésticos, 28 contos.

A média de crescimento do vencimento mínimo dos três sectores é de 14,3 por cento.

A EUROPA ENCONTRA A LIBERDADE

Por JORGE FERREIRA, O.S.B.

Já aqui dissemos que o mundo ocidental assiste, desde os dois últimos meses do ano findo, atônito e perplexo ao maior sismo revolucionário da história europeia e quicá da história da humanidade. O que parecia aos olhos dos contemporâneos inteiramente inexpugnável como sistema sabiamente arquitectado para a defesa das liberdades individuais, acabou por ruir estrondosamente para gáudio de muitos, sem haver ninguém que se atrevesse, salvo na mártir Roménia, a defender o modelo da sociedade socialista que durante dezenas de anos imperou coercitivamente sobre milhares de pessoas. Nem os deuses, que eles tanto combateram, se apiedaram dos líderes que, bem ao arranjo de seus desejos, tiveram

de abandonar forçados o pedestal do poder para o qual não tinham sido eleitos. Foi lamentável que o Conducator não tivesse compreendido os sinais de mudança que sopravam de todas as partes dos países seus vizinhos que com ele partilhavam os mesmos ideais, pois, doutra maneira teria evitado o holocausto de milhares de pessoas que manchará para sempre a sua memória. Salvo este caso singular, nos restantes países, a mudança de regime processou-se não pela via revolucionária, característica defendida pelo sistema marxista, mas pela via do diálogo e da paz. O processo veio pois a demonstrar que a praxis revolucionária tida como essencial na filosofia marxista para as mudanças sociais, «da luta dos subor-

dinados contra os subordinantes, dos oprimidos contra os opressores», não foi necessária nos países de Leste, pois os homens souberam encontrar outras fórmulas, por exemplo a via do consenso e do diálogo, para escolher outro modelo de sociedade política e económica.

O que acaba de acontecer nos países de Leste é inacreditável. Efectivamente, alguém de bom senso ousaria afirmar há seis meses atrás, que na Polónia, na Hungria, na Bulgária, na Checoslováquia e na Roménia, o povo em massa decidisse aglomerar-se nas principais praças para clamarem bem alto junto das sedes dos Governos Centrais que desejava ardentemente

usufruir da liberdade que dimana do mais íntimo da natureza humana e que os reglmes não podem dar nem coartar? «Queremos ser livres». Este sentimento foi particularmente forte entre os jovens e os intelectuais que no final de 1989 determinaram pelas suas vozes o novo curso dos acontecimentos nos seus países. Na verdade, são os jovens que na decrépita RDA primeiro denunciam o embuste dum sistema aquizolado; já na Hungria de 1956, na Checoslováquia de 1968 e na Roménia de 1989 desafiaram a força destruidora dos tanques do Pacto de Varsóvia. Nos primeiros séculos do cristianismo, nos

(Continua na página 2)

A EUROPA ENCONTRA A LIBERDADE

(Continuação da página 1)

anos de maior perseguição, dizia-se dos que eram lançados às feras no Coliseu romano: «sangue de mártires, semente de cristãos»; hoje, podíamos acrescentar: sangue de jovens, semente de liberdade.

Mas foi também o arrojo dos homens das ciências e das letras, — «os dissidentes» — que, pacientemente, pela sua coragem e pertinácia ajudaram a desmoronar os muros invisíveis da ideologia comunista. Sim, porque os muros reais acabam sempre por cair, mais difícil é atravessar os muros invisíveis que obstaculizam o exercício da liberdade de expressão, religiosa, política e econó-

mica. Esta travessia foi arduamente vivida ao longo de anos por Gide, Soljenitzin, Sakharov, Dubcek, autênticos heróis da liberdade, a quem os gregos da antiguidade ousariam apodar de semi-deuses, e por aquele humilde operário de Glansk, Lech Valesa, cristão confesso, que, dez anos antes soube semear no meio operário e sindical a semente da liberdade. E porque os designios de Deus são insondáveis, pelo menos para um cristão, não deixe de ser significativo que, quando os ventos começaram a mudar a direcção política dos países de Leste e uma nova era se iniciava, Sakharov dormisse para sempre o sono da paz. Desta maneira, pôde

ainda experimentar que valeu a pena bater-se pelo ideal da Liberdade.

Porque será que os intelectuais da nossa praça, que a si mesmo se consideram a elite da inteligência portuguesa, assumem posições tão contrastantes com a atitude crítica dos «dissidentes» dos países de Leste?

TUDO CORRE, TUDO MUDA. NADA PERMANECE

Este princípio heraclítico continua bem vivo e pleno de actualidade relativamente aos países que optaram pelo modelo socialista. Durante largos anos mantiveram uma certa unidade; não foram porém capazes de resistir à erosão da mudança. Foi esta unidade uma das consequências da II Guerra Mundial na Europa de Leste; enquanto a quase totalidade dos territórios colonizados pelo Ocidente enveredaram pela via da autonomia e da independência, estes deixaram-se enfeudar pelo modelo socialista da Rússia. Entretanto, os erros estalinistas foram-se acumulando para, na década de 60, se esboçar uma autocrítica: «a concessão de unidade tem de ser reconsiderada». E mais recentemente escreveu um político húngaro: «É impossível reformar a prática comunista existente actualmente na União Soviética ou na Europa de Leste... é o sistema que tem de ser liquidado».

Alguns críticos de política internacional dos jornais diários ou semanários numa linguagem imperceptível para a maioria do público português, recorrem

a argumentos, quanto a mim pouco convincentes, sobre o destino futuro da Europa, face ao estrondo do modelo estalinista. Se as populações ora saídas do modelo imposto forem livres na escolha do seu futuro político e económico, elas saberão de certeza fazer a melhor opção que mais se ajuste ao seu modo de ser. Se assim for, então florescerá uma nova convivência social, política, cultural e religiosa mais de acordo com a dignidade de toda a pessoa humana. Então, a Europa reencontrar-se-á nas suas raízes, na sua identidade cultural e espiritual, como dizia o Papa João Paulo II no seu discurso ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo a 8 de Outubro de 1988: «Se a Europa deseja ser fiel a si mesma, é preciso que saiba concentrar todas as suas forças vivas, respeitando o carácter original de cada uma das regiões... Os países membros do vosso Conselho têm consciência de não serem toda a Europa; ao exprimir o voto ardente de ver intensificar-se a cooperação, já traçada com as outras nações, de modo particular do Centro e do Este, tenho a sensação de ir ao encontro do desejo de milhões de homens e mulheres que sabem estar unidos numa história comum, e que esperam um destino de unidade e de solidariedade à dimensão deste continente».

Podemos já acrescentar que o desejo do Papa começou a realizar-se em nossos dias, pois os sinais dos últimos tempos são uma promessa para a unidade desejada. A Europa começou a escrever uma nova história. Sejamos dignos da aurora de liberdade que já brilha nos países de Leste.

Cardoso da Saudade

• FATOS

• CALÇAS

• CASACOS

• BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

Cardoso da Saudade

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

GERÊS-VILA: até já há promessas a S. Bento...

(Continuação da página 1)

a terra tem coisas (estruturas económicas) mais notáveis do que eu julgava e que no meu tempo não existiam. Bem hajam pelo trabalho tão esclarecedor ante uma pretensão tão justa. Não desanimem que o movimento está muito bem lançado e com muito boa perspectiva. Há dificuldades? O contrário é que admiraria.

O Gerês desde sempre tem andado tolhido, coisa que me espantava, quando por ele quis fazer coisas também. Forças ocul-

tas mas poderosas e persistentes iam fazendo desanimar o mais teimoso e honesto lutador pelo progresso e justiça local.

E ainda não mudou, ao que vejo, diante duma rajada de vento fresco que o está a varrer, com a vossa iniciativa.»

E conclua com votos de «um Ano Novo de vitória para a subida do Gerês a VILA».

Altamente significativa e demonstradora da fé inquebrantável que anima os geresianos nesta causa é também a notícia que,

há dias, nos deram e segundo a qual, no caso de a nossa terra vir a ser elevada à categoria de vila, há já geresianos devotos de S. Bento da Porta Aberta que se comprometeram a deslocar-se a pé, do Gerês até àquele santuário, em sinal de agradecimento.

Mas, por enquanto, nada de euforias antecipadas. Convictos de que a razão nos assiste, aguardemos pacientemente pelo desenrolar dos acontecimentos.

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

Director:

PAULO FERRO

Redacção e Administração:

Santuário de Nossa Senhora da Abadia
Santa Maria de Bouro
4720 AMARES

Propriedade da Confraria de Nossa Senhora de Abadia

DEPÓSITO LEGAL: N.º 12453/86

Composto e impresso: «Editora Correio do Minho»
Palácio Municipal de Exposições e Desportos (P.E.M.)
Telef. 22353 — 4703 BRAGA CODEX — Apartado 290

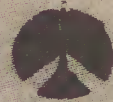
Assinatura anual: 1.000\$00
Número avulso: 40\$00

EUROCOSTURA-MAQUINAS DE COSTURA INDUSTRIAIS, LDA.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

COSTURA
Remoldi

CORTE
WOLF



Serviço Comercial e Técnico — Tel.: 817522
Secção de Peças e Acessórios — Tel.: 815308
R. Constituição, 2286 — 4200 PORTO — Tel.: 817522 — Telex: 27001 EURIMAR P

PELO SANTUÁRIO



HORÁRIO DAS MISSAS

Nos domingos durante a hora de Inverno a Missa é às 11 horas e às 16 horas.

Nos sábados, no mês de Fevereiro, é às 18 horas.

Museu de Nossa Senhora da Abadia

Colabore com o Museu de Nossa Senhora da Abadia, oferecendo, emprestando ou indicando para compra:

1 — **Bibliografia sobre o Santuário de Nossa Senhora da Abadia e a região de Entre Homem e Cávado** (livros, artigos, jornais e revistas, escrituras, diários de agricultores, partituras de música, registos de santos, programas de festas religiosas e profanas...);

2 — **Fotografias** documentando a vida religiosa do Santuário, as peregrinações e romarias, as festas e devoções ligadas à irradiação do Culto de Nossa Senhora da Abadia em Portugal e no Brasil, as individualidades que ao longo dos anos fizeram parte da Confraria da Nossa Senhora da Abadia;

3 — **Imagens populares**, em barro, pedra, madeira, metal e outros materiais;

4 — **Curiosidades e trabalhos de destreza ou paciência** — calvários em garrafas, relógios-oratórios, caixas decoradas com motivos religiosos...;

5 — **Objectos de uso doméstico decorados com símbolos e motivos religiosos** — colheres de madeira, fusos, rocas, pratos, travessas, canecas, alfaias agrícolas, formas para doce, etc.;

6 — **Recordações de romarias e peregrinações** — medalhas, alfinetes, broches, espelhos, etc.;

7 — **Ex-Votos** — tábuas votivas (milagres pintados), fotografias, ex-votos em cera e metal;

8 — **Procissões** — recolha urgente dos melhores exemplares de vestuário de anjinhos e figuras, insignas e dísticos religiosos;

9 — **Ornamentações de rua das festas e romarias** — recolha dos melhores exemplares;

10 — **Imagens de devoção** — os santinhos (papel, pano, etc.);

11 — **Documentação etnográfica e antropológica da região.**

«A Voz da Abadia» irá registando nas suas páginas o movimento, que auguramos frutuoso, de objectos e documentos oferecidos, doados ou depositados no Museu do Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

PROMESSAS

Vieram cumprir promessas a Nossa Senhora da Abadia:

Maria Alice Ribeiro Barata	5.000\$00
Carlos da Silva, Santa Isabel	1.000\$00
Domingos José da Silva, Rio Caldo	1.000\$00
Anónima de Paradela de Frades	1.000\$00
Maria da Conceição Antunes Fernandes e a irmã Esperança	1.000\$00

OFERTAS

Ofereceram a Nossa Senhora da Abadia:

Fernando Joaquim Delgado	2.000\$00
Adriano Costinha Névoa	500\$00
Francisco Zeferino Fernandes Marques ..	500\$00
Maria Alice Grácia Ribeiro Barata	500\$00

Na caixa da tribuna, aos pés de Nossa Senhora estavam 5 promessas de 5.000\$00; nela e nas caixas do Santuário estavam mais 32 promessas de 1.000\$00 e 26 de 500\$00.

A sr.^a Esperança do Céu Braga mandou celebrar uma missa cantada em cumprimento duma promessa a Nossa Senhora da Abadia.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

António José da Silva (1989)	600\$00
Francisco Zeferino F. Marques, Luxemburgo (1990)	1.000\$00
Adriano Costinha Névoa, Luxemburgo (1990)	1.000\$00
Rosa da Silva, Canadá (1989)	10 dólares
Manuel de Sousa Afonso (1990)	1.000\$00
José Vieira de Sousa (1990)	1.000\$00
José João da Silva Araújo (1989/90)	1.600\$00
Narciso de Deus Fernandes, Benfeitor (1990)	1.200\$00
Raul Gonçalves, Emigrante (1990)	1.000\$00
Francisco José Esteves (1988/89/90)	2.000\$00
João Fernandes Soares, Emigrante (1990)	1.000\$00
José Manuel Araújo Pereira (1990)	600\$00
Arménio Manuel Esteves (1990)	1.000\$00
Alice Veloso Dias Oliveira, Gerês (1989)	600\$00
Maria Fernanda da Silva Dias, Gerês (1990)	1.000\$00
Lúcia Gonçalves de Oliveira, Benfeitora	1.500\$00
Prof. ^a Maria Augusta Marques, Braga	1.000\$00



Como lembrança do ANO MARIANO pode adquirir, no Santuário de Nossa Senhora da Abadia, este painel de azulejo para colocar na frontaria da sua casa

OS VOGAIS E A MESA DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA NOS ESTATUTOS DE 1886

(Continuação da página 1)

algum estabelecimento de crédito, em harmonia com as determinações da Mesa; não poderá conservar em seu poder quantia superior a cem mil réis. Satisfará as ordens de pagamento assinadas; apresentará as suas contas no dia 31 de Agosto de cada ano e sempre que lhe sejam pedidas pela Mesa. Além destas prestações de contas, é obrigado a prestar as suas contas no fim da sua gerência.

O tesoureiro da devoção tem a seu cargo a arrecadação de todas as esmolas e de toda a receita eventual da Confraria, dando-lhe a aplicação que lhe for determinada pela Mesa, em conformidade com a lei, os estatutos e orçamento aprovado. As caixas das esmolas terão duas chaves: uma delas na mão do tesoureiro da devoção, outra em poder do secretário. As caixas das esmolas só serão abertas pelos dois na presença do juiz ou de qualquer outro mesário por ele designado.

Aos mordomos compete: velar pela boa ordem, aceio e limpeza do templo, altares, ornatos, roupas e vestimentas pertencentes ao culto; comunicar à Mesa a necessidade de qualquer obra, concerto ou reparo necessário para manter a decência do mesmo culto; inspeccionar sobre o servo, e mais empregados ao serviço da Confraria; prestar todos os serviços de direcção e administração que lhes forem impostos por ordem da Mesa. O serviço dos mordomos, que são quatro, será distribuído por trimestres e dividido alternadamente entre todos com a aprovação da Mesa.

Os deveres e atribuições da Mesa estão descritos no capítulo IV, desde o artigo 16 ao artigo 17, inclusivé.

A Mesa reunirá em sessão todas as vezes que o juiz, e na falta deste, o presidente ou secretário o determinar ou ainda quando três mesários o exigirem verbalmente ou por escrito.

Compete à Mesa: deliberar e resolver acerca de todos os negócios tendentes ao bom regime e administração da Confraria; nomear todos os empregados e serventes, estipular o seu salário e despedi-los; convocar a assembleia geral; comprar alfaias, paramentos e mais objectos de culto; velar pela conservação das capelas, templo e quartéis; activar as obras que forem necessárias; determinar o modo como se devem celebrar as festas da Confraria; mandar satisfazer os sufrágios dos confrades falecidos; satisfazer os legados a que estiver obrigada a Confraria; dar procuração para todas as pendências judiciais e contratos da Confraria; organizar os orçamentos em tempo competente; entregar, todos os anos, determinada quantia para obras de beneficência, no cofre dos santuários; socorrer irmãos caídos em extrema pobreza; regularizar as obrigações e deveres de cada um dos empregados da confraria por meio de regulamento próprio; resolver os casos, que possam suscitar dúvidas, destes estatutos. As decisões da Mesa são resolvidas por meio de escrutínio secreto.



No decorrer do ano que passou, entre os muitos milhares de pessoas que visitaram o Real Santuário de Nossa Senhora da Abadia, contam-se dezenas de prelados. O sr. arcebispo primaz, D. Eurico Dias Nogueira, gosta de mostrar a Abadia aos seus visitantes. A Abadia é uma maravilha

DO HOMEM AO CÁVADO...

Santa Marta de Bouro



Sr.ª Idelvina Gonçalves

ANIVERSÁRIO

A sr.ª Idelvina Gonçalves festejou o seu 96.º aniversário. A festa foi em casa do

seu genro Alvarino Delgado, casado com a sua filha Idalina, e morador no lugar da Mastinga, em Santa Marta de Bouro. Estiveram também presentes os netos Fernando

e Hilário, residente em França. Ao almoço assistiram filhos, netos, bisnetos e pessoas amigas.

Os parabéns de A Voz da Abadia.

Vieira do Minho

PEDIDA SINDICÂNCIA À CÂMARA ANTERIOR

Devido às dívidas acumuladas durante a anterior gestão, que tornaram a situação financeira da Câmara Municipal de Vieira do Minho seriamente preocupante, o nosso executivo municipal solicitou ao governador Civil de Braga que constataste tal situação e se proceda a uma sindicância ao executivo anterior.

Na sua primeira reunião, actual Câmara anunciou a existência de alegadas irregularidades praticadas anteriormente, tendo decidido suspender as requisições de materiais feitas pelo anterior executivo, o que impedirá o lançamento de novas obras, embora se mantenham as que, neste momento, estão em curso.

As principais dívidas referem-se a fornecedores de materiais e de serviços, além de encargos com a EDP.

Entretanto, a nova Câmara decidiu também revogar a deliberação dos seus antecessores que permitia aos particulares substituírem o Ministério da Agricultura quanto à construção de novos edifícios, por ter considerado ilegal tal prática.

50.º ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS

Com início no dia 8 deste mês, os Bombeiros Voluntários desta vila estão a comemorar o seu 50.º aniversário.

O programa das comemorações começou a realização, na semana de 8 a 12 do corrente, de simulacros de incêndios nas escolas Secundária e Preparatória de Vieira, e nas escolas primárias de Rossas, Ruiáveis e Vila, com o objectivo de sensibilizar os alunos para o concurso de desenho sob o tema **o Bombeiro**. De 13 a 22 deste mês, esteve patente no salão de Festas uma exposição de pintura, a que se lhe seguirá, de 27 de Janeiro a 7 de Fevereiro, a exposição de desenhos.

No dia 11 de Fevereiro, principal dia das comemorações, haverá alvorada, formatura geral e hasteamento da bandeira, missa de sufrágio e romagem ao cemitério, recepção às autoridades, sessão solene com entrega de medalhas e de prémios, almoço de confraternização, visita aos terrenos onde irá ser construído o

novo quartel e desfile motorizado e apeado das corporações de bombeiros do distrito.

No dia 12, será o encerramento das comemorações com a realização de um grandioso simulacro de incêndio na sede do concelho.

CENTRO DE ACOLHIMENTO NA RIBEIRA

O Centro Social e Paroquial da Ribeira-Cávado, neste concelho, vai construir naquela freguesia um centro de acolhimento para turistas e peregrinos de S. Bento da Porta Aberta.

O referido empreendimento, cujos custos estão orçados em 12 mil contos, já teve o lançamento da 1.ª pedra e os seus responsáveis contam com a colaboração das entidades oficiais.

Caldelas

OBRAS NA PISCINA E NO POSTO DE TURISMO

Segundo consta do plano de actividades da Comissão Regional de Turismo «Verde Minho» para o presente ano, estão previstas obras de recuperação da piscina e de reconstrução do posto de

turismo desta estância terminal, a custear por aquela região turística.

Para fazer face a essas e a outras despesas, como o lançamento do Plano de Desenvolvimento Turístico na Região do Verde Minho, prevêem-se investimentos da ordem dos 131 mil contos, cobertos pelo IVA e pelas receitas do Bingo.

Gerês

OBRAS DE S.ª ENGRÁCIA OU DA VARIANTE?

O inestético e sinuoso caminho a que, pomposamente, um dia chamaram «variante do Gerês» parece nunca mais ter fim. Prometido para Agosto (de que ano?), o certo é que os dias se vão passando e as obras de S.ª Engrácia — perdão, da variante — não são para se fazer mas para se ir fazendo. Mas, se isso acontece não será pela falta de visitas de técnicos e responsáveis camarários, nem muito menos pela falta de dinamite, pois o que até agora lá foi gasto dava para arrasar a nossa serra inteira! Até quando?

SAIU MAIS UM NUMERO DE «O CARVALHINHO»

Estão de parabéns os alunos e professores da Escola Primária do Gerês pela recente publicação do n.º 2 do seu pequenino jornal, O Carvalhinho.

Com colaboração variada e interessante, destacamos do editorial escrito pelo Otelo Nuno e Jose Manuel, a seguinte passagem: A estrada (variante) que estão a construir no bairro de Chã da Ermida está a destruir muitas árvores, mas é boa para vir para o Gerês.

Acontece que estão a dar muitos tiros para rebentar as rochas e assustam as aves que estão nas árvores a descansar. Elas, com o susto, fogem para outros lados e depois não há aves bonitas no Gerês.

SABIA QUE...

Ao contrário do que hoje sucede, as Termas do Gerês tiveram um excelente laboratório de fotografias, no início do presente século, denominado «Photographia Nacional» de que era proprietário o sr. Francisco Gomes Marques?

E que mais tarde, outro laboratório fotográfico existiu na antiga Loja Espanhola, junto à Casa Almeida, propriedade do sr. António Gonzalez, autor de excelentes trabalhos em fotografia sobre seres?

NOVOS ASSINANTES

Tornaram-se recentemente assinantes de «A Voz da Abadia» os geresianos António Manuel Antunes e Sousa, chefe dos serviços administrativos do PNPB em Braga; Maria Fernanda Silva e Luís de Sousa Carvalho, tendo estes pago adiantadamente as respectivas assinaturas.

A propósito de pagamento de assinaturas, e como estamos no princípio do ano, chamamos a atenção dos assinantes para a necessidade de satisfazerem o pagamento das suas assinaturas, de modo a que o nosso jornal possa sobreviver. E na nossa terra há pessoas que recebem «A Voz da Abadia» desde o primeiro ano e nunca pagaram um centavo por isso e, para cúmulo,

ainda se gabam de tal façanha!...

PERGUNTAR NÃO OFENDE...

Ainda não se esfumaram os ecos da vitória dos jovens da CDU nas recentes eleições para a Assembleia da nossa freguesia.

E há quem se ria pelo facto de, pelos vistos, os representantes do PS só desejarem fazer parte da Junta, não estando interessados na Assembleia de Freguesia. Porquê?

Mas, houve também quem, precipitadamente, e convencido de que a vitória lhes iria sorrir, já tivesse comprado algumas duzias de foguetes e encomendado uns cabritos tenrinhos que, face à derrota registada, vão ter de crescer mais.

Entretanto, e numa prova evidente de que tais pessoas não sabem perder, a nova junta já por elas foi considerada e apelidada como uma «Junta sem gravata». Contudo, e se perguntar não ofende, digam-nos lá: mais do que a gravata, não interessará à nossa terra que a nova Junta de Freguesia passe a actuar de mangas arregaçadas e... mãos limpas?...

PARA RIR...

Talvez por taçanhez ou fraqueza de espírito, são consabidos os ciúmes e as dores de cotovelo que certas pessoas das freguesias e vilas mais próximas manifestam em relação à nossa terra. Mas, quando lhes convém... o caso muda de figura.

Há dias, no cumprimento de uma norma burocrática, uma geresiana teve necessidade de deixar o seu endereço completo num conhecido estabelecimento comercial de Braga.

Porque reside aqui, na morada só colocou a palavra

Gerês, onde aliás, e conhecida por toda a gente. A funcionária que a atendeu chamou-lhe-ia, porém, a atenção para o facto de não ter mencionado a rua. Resposta pronta: «Não é preciso e além do mais, lá não há ruas com nomes.

— Como assim? — disse a funcionária. — Há ruas, sim senhora. Pois **eu sou do Gerês** e sei que lá há ruas.

— Do Gerês? — Volveu a nossa conterrânea. — Mas a quem pertence, se eu nunca a vi por lá?

— Quer dizer, **eu sou de Vieira do Minho**, mas conheço bem o Gerês! — concluiria a presumida funcionária.

Sem comentários...

A PEDRA BELA ESTÁ A MORRER

Um dos pontos turísticos da nossa serra mais belos e mais conhecidos, a Pedra Bela está a sucumbir e a definir a olhos vistos. Primeiro, foi o abandono a que se votou a casa do guarda florestal e toda a zona envolvente, desde que o último guarda (sr. Fernando Machado) que, durante 40 anos, zelou como ninguém por aquele local paradisíaco, se aposentou. Depois, foram os viveiros de abetos riquíssimos que se deixaram extinguir. De seguida, foi o estado miserável a que se deixou chegar a estrada que lhe dá acesso, de tal forma que hoje só lá se vai ou de tractor ou... de helicóptero. Finalmente, e não satisfação com a razia sofrida com os incêndios do Verão passado, os responsáveis do PN procederam recentemente, ao abate indiscriminado dos frondosos pinheiros silvestres que lá se viam e toda a gente admirava.

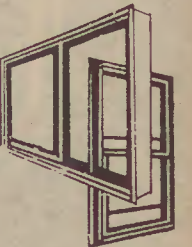
Depois, há quem não goste que se diga que a serra do Gerês está a saque. Subam à Pedra Bela e vejam se não é verdade.



SERRALHARIA CIVIL

MARTINS & SOUSA, L.ª DA

- ★ Caixilharia de alumínio
- ★ Marquises
- ★ Gradeamentos
- ★ Divisórias silos
- ★ Coberturas
- e qualquer tipo de serviços em ferro



«CORTE E QUINAGEM DE CHAPA»

LUGAR DA AMARELA

FERREIROS • TELEF. 73328 • 4700 BRAGA

DO HOMEM AO CÁVADO...

Souto

SOUTO TEM NOVA JUNTA

No passado dia 3 do corrente mês de Janeiro, pelas 20.00 horas, teve lugar no centro cultural, em Golpiheiras, a composição da nova junta de freguesia. Os elementos da junta saíram da lista mais votada, ou seja da lista dos moradores independentes de Souto, tudo comparado ao acto quase todos os homens que compunham a referida lista e mais quatro, dos melhores posicionados da lista do P.S.D.; deles três, tiveram assento na assembleia. O elenco governativo ficou assim constituído: **Presidente:** Adérito Maia, **Secretário:** Fernando Soares, **Tesoureiro:** José Maia; assembleia de freguesia **Presidente:** Carlos Gama; **1.º Secretário:** Alberto Soa-

res, 2.º **Secretário:** Francisco Meireles, **Vogais:** José Anibal, José Rebelo, João Soares e **Manuel Marques.** Pelo que nos foi dado observar, alguns elementos da junta, propriamente dita parecem estar com vontade de trabalhar e de fazer alguma coisa. Oxalá que a freguesia desta vez acertasse; no entanto, há quem confie e quem duvide. Por nós estamos prontos a ajudar e colaborar naquilo que estiver ao nosso alcance, desde que tudo seja feito com justiça e honestidade.

DIA DE REIS

Como em anos anteriores, este ano em Souto, voltou a repetir-se a tradição: cantaram-se os Reis, e em moldes um pouco diferentes. Desta vez foi o grupo coral que saiu para a rua orientado pelo seu maestro dr. Jose Marques,

que escolheu para o efeito várias canções próprias para a época, sendo estas acompanhadas por alguns instrumentos de corda, ferriños, pandeiretas etc. Foi sem dúvida dia de festa para a freguesia e todos gostavam de ouvir vozes e música da nossa terra. Começou no sábado à tarde e terminou no domingo cerca da meia noite. Não faltava gente a acompanhar as rizadas e todos também gostavam de dar a sua ajuda e até a petizada nesses dias, não teve suno. A bonita receita que deve rondar os cem contos, reverte a favor dos fundos paroquiais e irao ser gastos em benefício da comunidade. Esta de parabens o nosso paroco por ser um dos centores desta grande iniciativa.

Jose Rebelo

Vila Verde

IMPORTANTES MELHORAMENTOS NO CONCELHO

O abastecimento de água e saneamento básico foram recentemente reforçados em Prado, com a inauguração de cinco reservatórios, estações elevatórias e a estação de tratamento de águas residuais (ETAR).

A captação e feita no rio Homem para um reservatório onde a água é tratada e elevada para outros equipamentos similares.

A inauguração de um outro reservatório no Monte Barbudo irá permitir abastecer um reservatório na Revenda, o que permitira, por sua vez, o abastecimento de água às freguesias de Travassos, Gondiaes, Mos, Pico de Regalados e S. Miguel de Prado. Ainda a

partir desse reservatório a água será elevada para Portela das Cabras, onde está instalado um reservatório destinado a abastecer as freguesias de Portela, Marancos, Arcozelo, Goães, Rio Mau, Duas Igrejas e Nevogilde.

Presentemente, encontra-se em construção mais um reservatório destinado a abastecer futuramente as freguesias de S. Miguel de Carreiras, S. Tiago, Moure e Freiriz.

CÂMARA TOMOU POSSE

No dia 16 do corrente foi empossada a nova Câmara Municipal deste concelho, a cujos destinos continua a presidir o Prof. António Cerqueira, coadjuvado pelos vereadores Bento Sousa Morais e José Mota Alves, todos do CDS.

O PSD estará também representado no executivo com tres vereadores (Alberto Oliveira, Aurelio Araujo Oliveira e Silvestre Mota) enquanto que José António Azevedo representará o PS.

LEILÃO DE GADO COM REGRAS DA CEE

Antecedido, no dia anterior, pela inauguração de um novo pavilhão construído com o apoio dos fundos comunitários, realizou-se no dia 16 de Janeiro, no Pico de Regalados, o primeiro leilão de gado organizado de acordo com as normas da CEE.

Segundo tais, que implicam o encerramento das feiras de gado que se realizam semanalmente nas sedes dos concelhos vizinhos, os produtores entregam as cabeças de gado destinadas à venda no dia anterior ao leilão.

O gado passa a noite em estábulos, onde é examinado por um médico veterinário para verificar a sua sanidade,

procedendo-se, no dia seguinte, ao leilão, a cargo de técnicos do Instituto Regulador e Orientador de Mercados Agrícolas.

FALECIMENTO

Na freguesia da Parada de Gatim, neste concelho, faleceu no dia 11 de Janeiro o sr. António Joaquim da Costa Araújo, de 79 anos de idade, viúvo, pai do Padre José da Costa Araújo, da Oficina de S. José — Braga.

O seu funeral, com grande acompanhamento, realizou-se no dia seguinte, sendo sepultado, após as cerimónias religiosas, no cemitério local. Paz à sua alma.

ACIDENTE DE VIAÇÃO

No dia 14 de Janeiro, no lugar do Cruzeiro, em Soutelo, deu-se uma colisão entre a motorizada 1-VV-12-91, conduzida por José Gomes de Azevedo e o ligeiro RV-95-73, conduzido por Júlio da Silva Freitas, resultando do choque ferimentos graves na esposa do condutor da motorizada, de nome Maria Júlia Rocha Azevedo.

Amares

MISERICÓRDIA ABRIU PRÉ-PRIMÁRIA

A Santa Casa da Misericórdia de Amares abriu recentemente uma escola pré-primária na freguesia de Ferreiros, cujos custos ascenderam a 8.200 contos. Construído em cinco meses, o nosso edifício tem cinco salas e anexos, funcionando ali um jardim infantil diariamente, com a frequência de 120 crianças.

Em projecto, está a construção de uma nova capela e um lar para a Terceira Idade.

ESTRADA EM MAU ESTADO

A estrada nacional que desde a Ponte do Bico dá acesso a esta vila encontra-se em mau estado de conservação, com piso altamente perigoso e bermas desniveladas, o que constitui uma

ratoeira para o intenso tráfego que, diariamente, nela se regista.

À semelhança do que vem sucedendo noutras estradas do distrito, onde o trânsito é bastante inferior, bom seria que os responsáveis pela Junta Autónoma das Estradas de Braga olhassem, finalmente, para a nossa terra, dotando aquela estrada com um mais que necessário e merecido tapete betuminoso.

PLANO E ORÇAMENTO DA CÂMARA

Na sua reunião de 17 deste mês, a Câmara Municipal de Amares apreciou, na especialidade, o Plano de Actividades e orçamento do município para o corrente ano.

De salientar que o orçamento aponta para uma despesa global de 700 mil contos, dos quais cerca de 400 mil contos se destinam ao investimento.

A maior parte das actividades a desenvolver referem-se a obras a financiar pelos fundos da CEE, consideradas como prioritárias pelo novo executivo. Também a questão das obras da segunda fase dos novos Paços do Concelho e a recuperação do convento de Bouro constam das preocupações mais imediatas da nossa Câmara Municipal.

Pensão
UNIVERSAL

ABERTA TODO O ANO

Restaurante
EM
TERMAS
DE CALDELAS

Telefones 36236/36286
4720 AMARES

Resultados das eleições em Terras de Bouro e Vieira do Minho

Por razões de ordem vária de que apresentamos desculpas aos nossos leitores, só agora nos é possível publicar os resultados das eleições autárquicas nos concelhos de Terras de Bouro e Vieira do Minho, ao nível de Assembleias e Câmaras Municipais.

CONCELHO DE TERRAS DE BOURO									
FREGUESIAS APURADAS 17				FREGUESIAS POR APURAR 0				INSCRITOS 7862	
***** ASSEMBLEIA MUNICIPAL *****				***** CAMARA MUNICIPAL *****					
VOTANTES		5761		73,28		VOTANTES		5761	
***** VOTOS *****									
BRANCOS		103		1,79		BRANCOS		87	
NULOS		140		2,43		NULOS		111	
PSD		3121		54,17		PSD		3304	
PS		1379		23,94		PS		1494	
CDS		773		13,42		CDS		582	
PCP/PEV		245		4,25		PCP/PEV		183	
		MAND						MAND	
		11		5				4	
		2						1	

CONCELHO DE VIEIRA DO MINHO									
FREGUESIAS APURADAS 21				FREGUESIAS POR APURAR 0				INSCRITOS 13269	
***** ASSEMBLEIA MUNICIPAL *****				***** CAMARA MUNICIPAL *****					
VOTANTES		8929		67,29		VOTANTES		9277	
***** VOTOS *****									
BRANCOS		112		1,25		BRANCOS		100	
NULOS		149		1,67		NULOS		140	
PSD		3544		39,69		PSD		3575	
PS		3290		36,85		PS		3350	
CDS		1282		14,36		CDS		1237	
PCP/PEV		552		6,18		PCP/PEV		475	
		MAND						MAND	
		9		3				3	
		3		1				1	



Fábrica de fatos casacos calças

de alta categoria!

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

Ponte dos Falcões

Telefone 71 210

Maximinos - 4700 Braga

Telex 32288 Facho

DO HOMEM AO CÁVADO...

Santa Isabel do Monte



Aspecto do cemitério de Santa Isabel do Monte e jazigo de família onde repousam os restos mortais do sr. Adelino Domingues Amorim

Em Santa Isabel do Monte, Terras de Bouro, há tempos, celebrou-se o centenário do nascimento do sr. Adelino Domingues Amorim, pai do mesário da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, sr. Henrique dos Anjos Do-

mingues. Foi avô de dois padres — o padre José Marques e o padre Adelino Marques — que vemos na fotografia junto a concelebrar com o pároco de Santa Maria de Bouro, o padre Cândido, na igreja de Santa

Isabel do Monte:

Esta festa de aniversário centenário de nascimento foi acompanhada de muitas pessoas amigas de família e familiares. Entre os amigos foi visto o presidente da Câmara de Terras de Bouro.



Aspecto do interior da igreja de Santa Isabel do Monte e da concelebração onde se vê o padre Adelino Marques, neto do sr. Adelino Domingues Amorim

**ESTAMOS EM CONTACTOS
COM OS NOSSOS EMIGRANTES
ESPALHADOS PELO MUNDO**

PADARIA UNIVERSAL

DE *António José Fernandes*

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO
E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA
TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO
O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS
PREFIRA O DA **PADARIA UNIVERSAL**

TELEFONE 66125
SANTA MARIA DE BOURO • AMARES

Terras de Bouro

CÁ P'RA NÓS...

Jose Luis Portela, militante social democrata eleito a 17 de Dezembro presidente da Camara da Povoia de Lanhoso pela lista do CDS, foi expulso, há dias, do seu partido, o PSD.

Em politica, e assim, quem não e por mim, e contra mim.

Mas aqui na nossa terra, toda a gente sabe que esses saltos politiqueiros e respectivas sanções ou expulsões dos partidos não passam de fogo de vista. E a prova provada têm-na entre nós e, que se saiba, ninguém morreu por causa disso. Antes pelo contrário, tudo se esqueceu e para já, embora o padrinho esteja zangado com o chefe do partido, tudo corre numa boa. Mas,

como e curta a memoria dos politicos!...

ASSEMBLEIA MUNICIPAL VAI FUNCIONAR?

As Assembleias Municipais, por força dos objectivos que superintenderam a sua criação, deverão ser, como em quase toda a parte acontece, os orgaos fiscalizados e o verdadeiro filtro de toda a actividade dos municipios.

Entre nós, ao que se diz, isso parece nem sempre ter sucedido, o que a ser verdade, é de lamentar e só por si, é capaz de explicar muita coisa...

Por exemplo, é capaz de explicar que não se liga a importância devida a esse orgão autárquico, como se podera concluir do facto de para a tomada de posse e

eleição da mesa da nossa Assembleia Municipal se ter convocado, à ultima hora, e por boca uma boa parte dos seus elementos. Outros, não residentes na área do concelho, só receberam pelo correio e no dia 3 de Janeiro, a convocatória para a reunião efectuada em 29 de Dezembro, pois ao contrário do que legalmente está previsto, a mesma só fora deitada ao correio dois dias antes da reunião se efectuar.

Não pondo em causa a eficácia do funcionário que trata destes assuntos da A.M., o que terá havido por detrás desta evidente corrida contra o tempo?

Será que não haverá interesse em que a nossa Assembleia Municipal se torne viva, actuante, participativa e, acima de tudo, independente?

Vilar da Veiga

IGREJA PAROQUIAL

Apesar de já se encontrar, de novo, ao serviço do culto, ainda não estão concluidas as importantes obras de restauro da nossa Igreja Paroquial, onde serão aplicados mais de 6 mil contos, custeados pelos Baldios.

Neste momento, procede-se ao restauro da sacristia,

seguindo-se-lhe a pavimentação do adro, estando previsto a conclusão das obras por ocasião da Pascoa.

«PEDRA BELA» JÁ NÃO SAI?

Ao que consta, parecem não ter confirmação as noticias, de que oportunamente nós fizemos eco, que anun-

ciavam o regresso do boletim paroquial desta freguesia, Pedra Bela.

Segundo pessoa bem situada na questão nos informou, os elevados custos da tipografia parecem ter arrefecido os ânimos dos responsáveis, pelo que o mais certo é que o «Pedra Bela» tenha de aguardar por melhores dias.



QUE FIZERAM OS PORTUGUESES EM ANGOLA

IV — COMO SE PROCESSAVA O ENSINO AOS AFRICANOS

Como tive já ocasião de afirmar, o preto possuía uma propensão profunda para as letras. Geralmente todo o que na aldeia soubesse ler partilhava esse requisito com os demais. Assim era frequente ver os filhos ensinar os pais e avós. Todos suspiravam ao menos por assinar o seu nome.

Tal como nos primórdios da nossa nacionalidade, os pretos eram levados para as Missões e ali permaneciam em regime de internato até concluírem a 4.ª classe. Inicialmente os catequistas seleccionavam as crianças mais aptas e encaminhavam-nas para a Missão. Após os estudos básicos, eram geralmente enviados como monitores escolares para as diversas aldeias distantes. O povo encarregava-se de levantar uma escola e a casa para o professor. Este passava a ser um funcionário do Estado e, como tal, tinha o seu vencimento mensal.

Sem uma pedagogia bastante sólida, caíam por vezes em excessos de zelo de toda a ordem. Para que o leitor possa ter uma ideia do seu rigorismo, apresento um dos muitos factos consumados: — Fui visitar uma dessas muitas escolas. Vi sentada uma criança muito debilitada e com uma ligadura à volta de cada uma das mãozitas. Toda ela deixava transparecer dor e definhamento psíquico. Era sobrinha do próprio professor. Perguntei-lhe que se passava com aquele aluno. Para minorar a gravidade da acção afirmou que se tinha queimado um pouco no candeeiro. Tentou resistir quando lhe disse que o petiz vinha comigo para a cidade para receber curativo adequado. Quando no hospital o enfermeiro começou a desaperpear as ligaduras, os dedos do miúdo começaram a cair totalmente podres. A mão direita teve de ser imediatamente amputada e na esquerda três dedos desapareceram também.

Dada a minha insistência e ameaça de exoneração confessou o crime: O aluno de oito anos meteu a mão na saca do colega e tirou-lhe uma batata para comer. O professor para dar exemplo a todos que não se deve roubar nunca, deitou-lhe palha nas mãos, molhou-a com petróleo, apertou as mãos com uma prisão e à frente de todos os alunos chegou-lhe o fogo.

Havia depois a outra categoria dos chamados professores de posto.

Tratava-se de rapazes ou raparigas mais inteligentes e vocacionados que faziam o então 2.º ano e eram remetidos para escolas profissionais ou escolas do Magistério ficando habilitados com diploma equiparado ao de professores primários. Estes eram colocados nas Missões ou nos meios mais evoluídos, isto é, povoações sedes e vilas. Os monitores eram destacados para as aldeias distantes sobretudo por reunirem duas condições muito importantes: falavam correctamente o português e a língua indígena, pois todo o preto do interior crescia na língua materna ou da tribo e quase somente na escola aprendia o português. Mas por natureza era vocacionado às línguas, talvez porque principiava por ter de saber duas, no ensino secundário, acabava por falar correctamente de seis línguas para cima. Era-lhe familiar além da materna e do português, o francês, inglês, alemão, etc. Quantas vezes mesmo no seminário chamávamos seminaristas para servirem de intérpretes a visitantes estrangeiros. Desempenhavam marávilhosamente esse papel.

Nunca houve escolas a uma raça excluindo a outra. No entanto, mesmo na cidade, havia a escola primária e a chamada escola da Missão. Naturalmente surgia a selecção: Como o ensino na Missão era administrado pelos professores de posto que falavam correctamente as duas línguas, constatava-se que nos grandes centros urbanos, a escola primária tinha uma média de cinquenta alunos e a escola da Missão uma média de seiscentos. Havia Missões com mais de três mil alunos. A tendência para a Missão devia-se também ao facto de o aluno negro ser sempre aceite e visto como pessoa. Além disso, era-lhe sempre administrado o ensino religioso e cívico. Não poucas vezes surgiam graves problemas porque também os protestantes pressionavam a Missão Católica a aceitar os seus filhos. Estes alunos, nunca marginalizados, aprendiam o catecismo e a vivência religiosa e acabavam por pedir o baptismo e serem cristãos exemplares, o que ia contra a vontade dos pais.

Genericamente essas multidões que passaram pelas Missões na fase escolar, ficaram a recordar para sempre com saudade (como diziam) a Missão que lhes ensinara

a ler, a rezar e a ser homens e mulheres.

Os mais vocacionados às letras eram remetidos a escolas secundárias, muitas vezes subsidiadas pela própria Missão.

Desses liceus, uns passavam a ocupar cargos públicos de destaque e outros eram mesmo remetidos às Universidades europeias. Altamente classificados, passavam a desempenhar funções que em nada os minimizava ao lado dos europeus.

Com a independência em 1975 quase todos estes intelectuais passaram a ocupar altos cargos no funcionalismo e nos pontos-chaves e vitais da Nação Angolana. Porém, na generalidade não singraram porque em todos os comícios, comités, assembleias, etc. levantava-se o grito de ordem contra a religião, contra as Missões, contra a Igreja. Estes homens e mulheres levantavam-se e gritavam bem alto: O que sou devo-o à Igreja; estive na Missão oito, dez anos e sempre me trataram, assim como todos os alunos como filhos. Aqueles bons padres e religiosas são os nossos segundos pais. O que so-

mos, devê-mo-lo à Igreja que nos ensinou e educou. Lutar contra a Igreja é lutar contra o povo angolano. Naturalmente eram expulsos, tidos como suspeitos e muitos desapareceram para sempre. Com certa frequência vão escrevendo aos padres que os educaram, quantas vezes para lhes valerem em horas trágicas. E o padre cá de longe escreve a este ou àquele Ministro a contar o passado exemplar do «criminoso» e a pedir-lhe clemência. Geralmente é atendido.

Ao contrário das Missões Católicas, as protestantes que começaram a surgir pelos anos sessenta, geralmente chefiadas por pessoal estrangeiro, retiam os alunos que reuniam requisitos de chefia para as escolas superiores estrangeiras. Aí eram mentalizados em todo um arsenal militar, na táctica de guerra, em toda a ofensiva e defensiva dos comandos, habilitando-os e preparando-os para os choques mais horrorosos, atropelos contra a vida e contra a sociedade. Pondo de parte o princípio ético (Deus, Pátria e Família) alimentavam a es-

tratégia de dominar toda a África Austral para transformar esta porção da África num oásis do mundo bolchevista. Não teremos paz, afirmavam, enquanto não dominarmos todo o sul de África.

Ao contrário os que haviam sido educados nas Missões Católicas, e oferecessem qualidades intelectuais eram enviados às escolas superiores locais ou metropolitanas. Embora, genericamente mantivessem acesa a chama da independência, em princípio nunca traíam o europeu e alertavam-no sempre que possível das previsíveis chassinas. Exacerbados para o trair, saquear e matar, recusava-se. Como posso, diziam, matar ou roubar o branco se ele nunca me fez isso a mim nem à minha família? Como posso disparar contra as Missões ou igrejas se foram elas que me educaram? Como podemos prender os padres e religiosas se foram eles os nossos segundos pais?

Naturalmente, toda esta gente tornava-se suspeita. Não acatando as ordens do ódio nefando leninista-marxista, eram muitas vezes fuzilados em comícios públicos ou de-

sapareciam misteriosamente para modelo da revolução.

Quando no Lobito em 1975 um professor se negou a retirar o crucifixo da sua escola, o chefe militar fez anunciar por toda a cidade que um traidor ia ser fuzilado na praça pública. Vendado e preso a um poste quando a multidão de punho cerrado gritava morte ao traidor, este pediu um minuto de espera. Conseguiu tirar o terço do bolso e rezou as três Avé Marias finais, acabando por afirmar: — «Estou nas vossas mãos e nas mãos de Deus». A multidão silenciou-se e o plutão disparou. Talvez intencionalmente nenhum soldado o atingiu. Apenas com um pequeno ferimento numa perna fingiu cair morto. A tropa revolucionária retirou-se. Por si e com o auxílio da família que secretamente observava o desenrolar dos acontecimentos soltou-se do poste e foi imediatamente aconselhado a refugiar-se nas matas. Irei, afirmou, mas antes vou à igreja agradecer à minha Nossa Senhora que me defendeu.

A. Neves

DEMOCRACIA E CULTURA

Li algures e, se a memória me não atraiçoa, julgo ter sido no «Comércio do Porto» que a Política é a «arte de mentir a propósito».

Aceite esta premissa como válida, dela poderemos tirar algumas ilacões.

Uma delas, talvez a principal, é a de que os políticos (e pelo menos alguns deles) não falam verdade...

E isto é incontroverso, bastando, para tanto, ler os jornais diários e estar atento aos meios de comunicação social, quer audiovisuais quer radiofónicos.

Como o leitor sabe, existem três formas diferentes de mentir, ou seja, mente-se por brincadeira ou distracção (é a chamada mentira jucosa); mente-se por inerência ao próprio ofício (é a mentira oficiosa, característica dos que prometem e fallam; e mente-se perniciosamente e, aqui, o agente da mentira pode prejudicar terceiros — é a mentira perniciososa, que se deve evitar.

Qual será a mentira utilizada pelos políticos?

Responda quem souber.

Mas tudo isto vem a propósito da minha observação do modo como decorreu a campanha eleitoral para as autárquicas no meu concelho.

Certamente como em todo o País, logo que foi dada luz verde para começar a luta pelo chamado PODER LOCAL, desapareceu o sossego, até então vivido pelos cidadãos, frente à poluição sonora produzida por potentes altifalantes, sem dúvida fatigante e incómoda, durante o dia e parte da noite.

A repetição dos já estafados «slogans», impregnou o espaço atmosférico em todos os sentidos e direcções, para além da profusa e confusa propagação dos cartazes afixados por toda a parte, panfletos com fotografias das personalidades a eleger, etc., etc.

Cada um afirmava-se ser o melhor candidato, porventura o homem providencial para resolver todos os problemas do espaço jurisdicional do Município.

Houve mesmo quem, de porta em porta, para abichar votos, tivesse percorrido a área territorial do concelho, empenhando tudo e todos, na mira da conquista do poder, usando da velha arma da manipulação e demagogia, à boa maneira do antigamente.

É que, caro leitor, apesar de estarmos num regime democrático de direito com cerca de 16 anos, ainda se nota um certo caciquismo influente em camadas sociais mais desfavorecidas que, apoiado em promessas falazes e vãs, vai conseguindo centenas, senão milhares de votos dessa gente sem preparação e, até, analfabeta.

E se, em democracia, o povo é soberano «o povo é quem mais ordena», pois o significado etimológico do termo quer dizer isso mesmo «Governo do Povo», também deverá existir nesse mesmo povo um pressuposto fundamental que, como todos sabemos, é a cultura geral.

Sem esta, o povo é massa amorfa e anónima, que os mais hábeis e

oportunistas manipulam a seu bel-prazer.

Ainda temos, infelizmente, por todo o País, uma boa faixa de analfabetos que urge erradicar. Outros, apenas escrevem mal o nome.

Dos 13.963 cidadãos inscritos para votar no concelho de Amares, quantos lêem jornais, revistas ou livros?

Quero convencer-me, porém, de que, volvidos mais uns anos, outra mentalidade diferente surgirá para agir por vontade própria, na certeza de que a Juventude é a esperança do futuro.

E então, sim. Haverá democracia plena, porque consciente.

É mister, pois, que as Autarquias e o Poder Central se empenhe cada vez mais em promover e facilitar o ensino mais acessível a todos, criando Centros de Convívio e Cultura, que não possuímos ainda a nível de freguesia e concelho, para além da prática sadia do desporto, que, felizmente, já vem acontecendo um pouco por toda a parte.

Narciso José Gonçalves

FIGURAS TÍPICAS DO GERÊS

O ZÉ SERRALHEIRO

(II)

POR: AGOSTINHO DE MOURA

O casal José Maria Gonçalves e Laura de Jesus Ramalho, nos anos que residiu no Gerês e já depois daqui ter saído, era, de um modo geral, estimado por toda a gente.

A tia Laura Serralheira, como era normal na época, somente se ocupava na vida da casa que, repetimos, se limitava a um quarto e a uma cozinha anexas à Pensão da Ponte.

Era umna pessoa muito religiosa, mas também com muita superstição e credence à mistura. Em tudo parecia ver a parte negativa da questão, relacionando-as ou procurando explicá-las pela acção de «certos espíritos malignos que vagueiam pelo mundo».

Chegou até, nos últimos anos da sua vida, e após a morte de seu marido, ocorrida em 22 de Setembro de 1976, a manifestar um certo descontrolo do seu sistema nervoso, apesar de se manter bastante lúcida, ao referir que tinha «visões» e que o seu Zé a vinha, frequentemente, visitar...

Era amiga do seu amigo, embora — Deus a tenha em bom lugar e lhe perdoe! — por vezes, bastante fingida.

Um dia, já regressado à casa de Rendufinho, o casal recebeu a visita de um grupo de amigos do Gerês, entre os quais se contavam o António Baltasar, o António Ambrósio Gonzalez e meu pai, António Augusto de Moura,

entre outros, mas todos já falecidos.

Vinham de Braga, após assistirem a um jogo de futebol. Como acontecia muitas vezes e com bastantes pessoas de cá, a viagem entre Braga e o Gerês ou vice-versa, tinha uma paragem obrigatória em Rendufinho, depois que o Zé Serralheiro lá regressou mais tarde.

Hospitaleiro e mãos largas como era, ao ver aqueles amigos do Gerês o Zé Serralheiro não esteve com meias medidas e, lesto e ligeiro, foi ao fumeiro buscar um presunto que rescendia tentadoramente. E pôs, perante o olhar recriminatório da esposa, o presunto inteiro e uma boroa de milho na mesa, enquanto que descia à adega para trazer uma avantajada caneca de vinho crepitoso, colheita da casa.

Era inverno e aquela tarde de domingo já estava no fim. Comeu-se e bebeu-se à disposição. Postada junto à janela da cozinha, a tia Laura assustou-se ao ver que o saboroso presunto estava a mingar a olhos vistos, tantas e tais eram as «facadas» que lhe davam. Lá se vai o presuntinho — pensou ela. E atacou:

— Ai que nuvens tão escuras estão acolá para as bandas do Gerês! De certeza que vem aí uma torvoada medonha. Se fosse a vocês, ia-me já embora pois senão, não chegam hoje a vossas casas!...

O Zé Serralheiro, matreiro como sempre, deu

de olhos aos amigos e ninguém se incomodou com o mau agoiro da tia Laura. Toda a gente, com o «Rei dos Fogões» a dar o exemplo, lá continuou a comer e a beber à vontade, de tal forma que, nesse dia, o presunto quase que chegou ao osso...

A tia Laura Serralheira, talvez por temperamento ou pelos poucos afazeres que tinha, dedicava-se também à coscuvilhice — o que, salvo o devido respeito, não é inédito entre as senhoras...

Poderá dizer-se que nada acontecia no Gerês que ela não soubesse a tempo e horas. É que a cozinha onde ela passava a maior parte do seu tempo tinha uma janela, conforme se poderá constatar através da gravura anexa, mesmo voltada para a calçada de acesso à Boavista de onde ela assistia à passagem e falava com muitas pessoas no dia-a-dia. Para mais, naquele tempo, aquele local era habitado e bastante frequentado, tendo logo ao lado, a «casa velha» já demolida pela Empresa das Águas e onde viviam algumas famílias, como a Sr.^a Albina Miranda e o Carlinhos (ainda vivo e que, depois de sapateiro, «virou» ultimamente e com grande vantagem, pelos vistos, em «farmacêutico...») além da casa dos meus avós.

E havia ainda, em frente, a padaria e, nos fundos do topo sul da Pensão da Ponte, a estação dos correios. Daí que «as fontes de informação» da tia Laura estivessem sempre actualizadas...

Mas se ela, apesar de tudo, era religiosa e crente em Deus, o tio Zé não lhe ficava atrás. Era uma casa em que, à noite, quando ele não estivesse ocupado nalguma patuscada ou com uns copitos a mais, se rezava o



A janela do lado esquerdo era o «mirante» da tia Laura no Gerês

terço, em que participei muitas vezes.

O Zé Serralheiro era um homem com uma certa cultura geral, fruto da muita leitura que fazia. Foi, durante muitos anos, o solícito correspondente no Gerês do «Jornal de Notícias» e nunca, como nesse tempo, aquele jornal trouxe tanto noticiário da nossa terra.

Entre os seus inseparáveis livros, contava-se o anuário cristão, a quem o povo chamava «livro de S. Cipriano», onde vem relatada a vida de boa parte dos santos mais conhecidos.

Amante da leitura como era, e depois de a ler e reler tantas vezes, o Zé Serralheiro acabaria por decorar a vida de Santo António. E a partir daí, inflamado pela pinga, era um espectáculo ouvir o «sermão de Santo António» por ele proferido.

No ambiente barulhento das tabernas, normalmente aquecidas quer pelo vinho, quer por alguma braseira, quando lhe dava na gana ou a pedido dos «devotos», o nosso Zé Serralheiro tirava o chapéu da cabeça, punha-se em pé em cima de um banco comprido, para fazer de púlpito, e com ar austero e competente, depois de reproduzir, em forma de exórdio, uma citação latina da Sagrada Escritura, como era norma da época,

a sua voz altaneira e cavernosa fazia-se ouvir, com todo o respeito e admiração, não só no interior como fora da tasca — pois logo que tal constasse, toda a gente queria ouvir, ao vivo, o «sermão» do Zé Serralheiro.

O auditório ficava suspeso perante os dotes retóricos do improvisado «orador» que, inclusivamente, sabia comover os corações mais dóceis e algumas lágrimas se viam, por vezes, cair nos rostos humedecidos mas quentes e avermelhados dos ouvintes. Narrada a vida do santo, e em jeito de conclusão, o tio Zé procurava incentivar a assistência para a imitação do santo, encerrando de seguida a sua intervenção, atentamente escutada e depois aplaudida com as palmas e os copos da praxe.

Curiosamente, a fama da capacidade retórica do Zé Serralheiro era tal que havia pessoas que o escolheram como termo de comparação com os oradores sagrados que, em Junho, vinham ao Gerês proferir o sermão da festa de Santo António. E se algum deles não referisse, em pormenor, os milagres atribuídos àquele santo, o povo dizia: «O Zé Serralheiro fazia melhor o sermão do que este padre»...

Até à próxima!

PONTO(S) DE VISTA

A gestão dos nossos municípios está entregue, na esmagadora maioria dos casos e pela força das circunstâncias, a pessoas que de um modo geral, pouco mais sabem do que governar as suas casas.

É uma questão complexa esta, à qual os chamados interesses partidários quase sempre não ligam grande importância e que, mais tarde, é geradora de complicações de vária ordem, de conflitos institucionais e de situações bem pouco claras para a opinião pública.

Pensamos que, nesta experiência já razoável de vivência democrática que o nosso país conhece, já vai sendo tempo de se fornecer aos nossos executivos municipais a formação adequada ao nível de gestão de recursos e planeamento, precisamente duas áreas que, ao que consta, não são normalmente contempladas nas reuniões de âmbito político-partidário.

E é pena, pois enquanto tão gritante lacuna se continuar a verificar, continuaremos também a assistir, a cada passo, a pedidos de inquéritos e sindicâncias como aquele que o novo executivo municipal de Vieira do Minho acaba de apresentar relativamente aos seus antecessores em tal cargo.

A. M.

PENEDA-GERÊS: ORDENAR PARA QUÊ?

Na sua edição de 14 de Janeiro, publicou o «Jornal de Notícias» o texto seguinte que, pelo seu interesse, publicamos na íntegra:

RECONHECER no Parque Nacional da Peneda-Gerês um espaço físico de elevado interesse sob o ponto de vista ecológico passa obrigatoriamente pela aprovação de um plano de ordenamento.

A abordagem desta questão revela a lamentável situação do nosso único parque nacional, uma vez que, 18 anos após a sua «criação», este plano ainda não existe.

Ninguém sabe apontar a verdadeira origem dos incêndios do último Verão no parque. O acto criminoso é uma hipótese, mas as queimadas dos pastores ou o campismo selvagem, também o são. O que isto possa ter a ver com a ausência de ordenamento no parque nacional, é uma questão de muito mais fácil resposta.

Um estudo prévio elaborado conjuntamente pela Comissão de Coordenação da Região Norte e pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza e Parque Nacional da Peneda-Gerês, e que neste momento aguarda o parecer das câmaras da região onde esta área protegida se insere, levanta agora outra questão: ordenar a Peneda-Gerês para quê?

Se a ideia é avançar com uma região de turismo, dotando-a com unidades hoteleiras capazes de acolher um número de visitantes crescente e rasgando múltiplos e convenientes acessos a uma circulação rodoviária que se pretende fácil e omnipresente e no final apelidá-la de parque nacional, então esta ideia tem neste estudo prévio um precioso contributo para a sua concretização.

Se, por outro lado, se apostar na criação de um santuário natural, não apenas pelo que ainda encerra mas principalmente pela dimensão do espaço físico, pelas características do seu relevo e consequente clima, elementos que enriquecem os ecossistemas e favorecem a conservação do meio, então muito há a rever neste estudo agora proposto.

Unir esforços para preservar esta área protegida não é apostar no isolamento, no esquecimento ou na miséria dos habitantes da Peneda-Gerês como opinam os que abrem caminho à «algarvização» do parque, mas sim tentar a melhoria sensível das condições de vida dos residentes, apoiando-os tecnicamente na exploração da terra, quer na agricultura, quer na pastorícia, criando um turismo rural desenvolvido por eles próprios, fomentando a produção e a comercialização do artesanato e outros produtos locais, apoiando-os em áreas como a saúde e o ensino, acções todas elas compatíveis e necessárias à preservação da natureza.

Nada mais deverá, no entanto, ser tentado conseguir com a usufruição e exploração do espaço que constitui o PNPG. Esta a verdadeira questão que se coloca.

Naturalmente que a dimensão da conservação que defendo poderá implicar algumas restrições às populações residentes no parque nacional, e essas restrições serão tanto maiores quanto maior for esta dimensão.

Mas também é certo que quanto mais exigente se for nesse sentido maiores serão a gran-

deza, o valor e o interesse deste projecto nacional e consequentemente maiores apoios económicos se conseguirão da Europa comunitária, destinados não só à conservação da natureza mas principalmente a investimentos tendo em vista a compensação dos habitantes do parque por estas mesmas restrições.

Há que optar rapidamente, porque a debilidade dos ecossistemas é patente e a situação favorável no que diz respeito à angariação de fundos europeus é transitória.

Alguns exemplos, em todos eles bem patente uma vontade em abrir a Peneda-Gerês a uma exploração turística desenfadada:

— É a melhoria substancial da ligação Ponte da Barca-Lindoso, pelas consequências inevitáveis que trará a uma área tão importante como é a mata do Cabril;

— Em relação ao Gerês são referidas melhorias em ligações que beneficiarão «...o acesso a uma das áreas de maior pressão (actualmente) do PNPG...». Pretende-se aumentá-la?

Extremamente grave é o facto de se admitir «...não se prever qualquer alteração no acesso à fronteira da Portela do Homem...», é afirmado que este facto «...contribuirá para que essa ligação não veja intensificado o seu tráfego...». Se se partir do princípio que os autores desta afirmação conhecem a situação que se vive, principalmente nos meses de Verão, na zona da Portela do Homem, então há algo de muito errado neste documento. O correcto ordenamento do parque nacional implica o encerramento defini-

tivo da fronteira da Portela do Homem e dos acessos que a ela conduzem.

Por último surgem «...a melhoria da ligação entre a Senhora da Peneda e o Mezio...» e a ligação de Castro Laboreiro à fronteira da Ameijoeira (já é um dado adquirido a sua abertura?) podendo «...potenciar um maior fluxo de visitantes nesta zona do parque...».

O rápido acesso de um habitante do PNPG a um centro urbano no seu exterior não impõe múltiplas vias pelo interior do parque, atendendo à localização periférica quase constante das suas aldeias.

Refere-se que a fauna está «...empobrecida quantitativamente...» o que revela uma visão extremamente optimista, mas o que será muito menos verdade é que «...o espectro de espécies que aqui ocorrem...» seja «...um património singular...».

Vive-se do mito em que o Gerês se transformou e só quem não percorre as serras que constituem o parque nacional poderá manter a ideia de que este é ainda o paraíso da fauna, que outrora foi certamente.

Não nos cabe a nós «...manter ou aumentar...» este espectro de espécies, como é referido, mas manter e aumentar com acções de muito maior alcance do que estas que agora se sugerem.

Miguel Dantas da Gama